



**O IMPACTO DO ENCERRAMENTO DO ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO
PARA OS COMERCIANTES DO SETOR INFORMAL DE ALIMENTOS DA REGIÃO**

THE IMPACT OF THE CLOSURE OF JARDIM GRAMACHO'S METROPOLITAN LANDFILL FOR THE
FOOD INFORMAL SECTOR MARKETERS OF THE REGION.

EL IMPACTO DEL CIERRE DEL VERTEDERO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO PARA
LOS COMERCIANTES DEL SECTOR INFORMAL DE ALIMENTOS DE LA REGIÓN

Ricardo Laino Ribeiro

ricardolaino@bol.com.br
UNIGRANRIO

Maria Scarlet Do Carmo

scarletcarmo@gmail.com
UNIGRANRIO

O IMPACTO DO ENCERRAMENTO DO ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO PARA OS COMERCIANTES DO SETOR INFORMAL DE ALIMENTOS DA REGIÃO

Resumo

O bairro de Jardim Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias, construiu, desde seu início, uma história socioeconômica pautada pela renda gerada pelo aterro metropolitano. Se por um lado seu encerramento era necessário devido às ameaças ao meio ambiente, por outro, era preocupante tendo em vista o impacto que causaria aos trabalhadores diretos e indiretos da catação. O objetivo deste artigo foi investigar o que pensavam e quais estratégias elaboravam os comerciantes do setor informal de alimentos com o encerramento do aterro. Foi realizado um estudo de caso, mediante entrevistas com oito comerciantes locais no período de maio a dezembro de 2012. Os resultados indicam que os comerciantes, que tinham como principal cliente os catadores da região, não acreditavam no fechamento, ocorrido no mês de junho de 2013, principalmente pelo desemprego, fome e pobreza que tal fato poderia gerar. Contudo, tal encerramento ocasionou um impacto socioeconômico significativo, fechando vários segmentos do comércio local. Dentre os impactos gerados pelo fechamento do aterro destacam-se a necessidade de migração, gerada pela redução das possibilidades de geração de renda e de trabalho no mesmo local, e a mudança de atividade de subsistência.

Palavras-chave: estratégia como prática; geração de renda; aterro sanitário.

Abstract

The district of Jardim Gramacho, located within the city of Duque de Caxias, had built since the beginning a socioeconomic history guided by the money generated by the metropolitan landfill. If on one side its closure was necessary due to the threats to the environment, on the other side, it was disturbing considering the impact that it would cause to the direct and indirect workers of the scooping up. The objective of this article was to investigate what the informal food sector laborers had thought and which strategies they had elaborated to deal with the landfill closure. A case study was conducted by interviewing eight local marketers between May and December of 2012. The results show that marketers that had as its main clients the region workers of scooping up did not believe in the closure which happened in June 2013, mainly due to the unemployment, famine and poverty that might arise. However, this closure has occurred and brought on a significant socioeconomic impact, shutting down several segments of the local market. Among the impacts generated by the landfill finishing its activities are the necessity for immigration generated by the reduction of profit and work possibilities in the area, as well as the change in the subsistence activity.

Keywords: strategy as practice, income, landfill

Resumen

El barrio Jardim Gramacho, ubicado en el municipio de Duque de Caxias, construyó, desde su inicio, una historia socioeconómica marcada por el ingreso generado por el vertedero. Si, por un lado, su cierre era necesario debido a las amenazas al medioambiente, por el otro, era preocupante teniendo en cuenta el impacto que generaría a los trabajadores directos e indirectos de la colecta. El objetivo de este artículo fue investigar lo que pensaban y cuales estrategias elaboraban los comerciantes del sector informal de alimentos con el cierre del aterro. Fue realizado un estudio de caso, mediante entrevistas con ocho comerciantes locales en el periodo de mayo a diciembre de 2012. Los resultados apuntan que los comerciantes, que tenían como principal cliente los colectores de la región, no creían en el cierre, el cual ocurrió en el mes de junio de 2013, principalmente por el desempleo, hambre y pobreza que el hecho podría generar. Sin embargo, dicho cierre ocasiono un impacto socioeconómico significativo, cerrando varios segmentos del comercio local. Entre los impactos generados por el cierre del vertedero se destacan la necesidad de migración, generada por la reducción de las posibilidades de generación de ingreso y de trabajo en el mismo local, y el cambio de actividad de subsistencia.

Palabras clave: estrategia como práctica, la generación de ingresos; vertedero sanitario

1 INTRODUÇÃO

O bairro de Jardim Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro, tinha sua história socioeconômica pautada em torno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG). Com mais de três décadas de existência, suas atividades chegaram ao fim. Sua capacidade de recepção de cerca de 8 (oito) mil toneladas por dia de lixo produzido nas cidades do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Nilópolis, Mesquita, São João de Meriti e Queimados foi ultrapassada (COMLURB, 2009).

Considerado um sub-bairro com grande centro econômico ativo, Jardim Gramacho tinha até recentemente seu comércio pautado basicamente na atividade laboral do catador de recicláveis (PINTO, 2004). Corroborando tal estudo, Bastos (2005) relata que aproximadamente 60% dos moradores da região sobreviviam das atividades ligadas à comercialização dos recicláveis nele descartados.

Além dos catadores, que tinham sua renda diretamente retirada das atividades da catação, outros moradores do bairro viviam das atividades ligadas ao comércio e à indústria presentes no local. Meirelles e Gomes (2009) constataram que no bairro havia aproximadamente 20.000 habitantes, cuja maior parte se encontrava fora do mercado formal de trabalho, vivendo direta ou indiretamente da exploração econômica do lixo.

No ano de 2005, o Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida (COEP), elaborou o diagnóstico social do bairro de Jardim Gramacho, evidenciando como a economia local girava em torno desse Aterro. A partir do diagnóstico realizado naquela época, ficou caracterizado que o principal segmento do comércio que não era gerado a partir da reciclagem na região (ou seja, de catadores e seus familiares, bem como demais envolvidos com as atividades dos depósitos), era gerado a partir do setor de alimentos, caracterizado por biroskas, barracas, bares, botequins, padarias, mercearias e supermercados distribuídos na região. A necessidade de atender ao contingente de pessoas que sobreviviam da catação é que levou ao desenvolvimento dessa expressiva quantidade de pequenos comerciantes do setor de alimentos (BASTOS; ARAÚJO, 1998; MATTAR; CHEQUER, 2010; PINTO, 2004).

O que foi alardeado por muito tempo, ora como solução para a situação ambiental da respectiva região, ora como uma tragédia para os catadores locais acabou por se tornar um verdadeiro caos

social e econômico, quando do encerramento do Aterro, principalmente para a parcela de pessoas que sobreviviam de servir ou atender às necessidades básicas (no caso deste artigo, o da alimentação) dos trabalhadores braçais até então existentes na região. Tal fato gerou certa curiosidade do autor, tendo em vista a mobilização existente, por parte dos catadores, sobre o grau de entendimento dos efeitos que o encerramento do Aterro acarretaria para os demais segmentos que funcionam à sua volta e que vivem à mercê, principalmente, da sua clientela de catadores.

Nesse sentido, buscou-se investigar o que pensavam os comerciantes informais do setor da alimentação da região sobre o fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e quais estratégias teriam sido elaboradas por eles, se é que havia alguma, a fim de contornar tal questão, tendo em vista o que era feito ou dito sobre a questão socioeconômica dos catadores quando do encerramento do Aterro. Ou seja, que iniciativas vinham sendo pensadas pelos comerciantes para lidar com a possibilidade de significativas mudanças nas suas rendas tendo em vista a alteração da renda da população atendida por eles?

Nas próximas quatro seções deste artigo será apresentado o problema investigado, bem como a revisão da literatura sobre estratégias como prática, o desenvolvimento econômico de Jardim Gramacho, a contextualização do Aterro metropolitano presente na região, assim como os aspectos envolvidos na sua desativação. Em seguida são expostos os procedimentos metodológicos que permeiam o presente estudo de caso, sendo apresentados os resultados obtidos e a sua discussão.

Este artigo faz algumas considerações finais ao constatar que os comerciantes do setor informal de alimentos em torno do AMJG não apresentavam estratégias, no que tange ao encerramento do Aterro; ou, a não adoção de uma estratégia era, de fato, a estratégia adotada por eles. Eles apenas pensavam em acompanhar o destino final que o lixo, a partir do encerramento do referido aterro, tomaria ou, melhor dizendo, dos catadores para quem vendiam à medida que apostavam que esses acompanhariam tal destino final.

2 ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Desde a década de 1980, a estratégia como prática vem ganhando espaço a partir das teorias sociais contemporâneas, ocasionadas pela forte influência de autores como Bourdieu, de Certeau, Foucault e Giddens (ALBINO; GONÇALVES; CARRIERI; MUNIZ, 2010; WHITTINGTON, 2006).

No ano de 1996, por meio de Richard Whittington, a estratégia como prática vigora com grande destaque. Surge na época uma perspectiva diferente para a compreensão da estratégia. O autor argumenta que é necessário realizar um trabalho de observação próximo ao estrategista, possibilitando, assim, um aprendizado prático do que seria estratégia. Disserta que a estratégia como prática apresenta a orientação para a compreensão da estratégia como uma prática social, em como o praticante da estratégia age e interage (SARAIVA, 2009).

Após seis anos da primeira publicação de Richard Whittington, em 2002, surge, pelo mesmo autor, uma definição mais abrangente no campo da estratégia como prática. A proposta é entender a estratégia como algo que as pessoas fazem. Para isso, é necessária grande atenção para quatro principais questionamentos: quem são os estrategistas? De onde eles vêm e quais são seus papéis desempenhados dentro das organizações? Que ferramentas os estrategistas usam nesse trabalho? E, por fim, como os estrategistas são apoiados e assessorados pelos consultores de maneira a ter sucesso nessa empreitada?

A prática da estratégia trata de como os atores agem e interagem em todo o processo de formulação da estratégia, envolve, tanto a visão, quanto os procedimentos por meio dos quais a estratégia é implementada (JARZABKOWSKI; WILSON, 2002). O grande desafio do pensar estratégia é a transformação da visão do estrategista. Estes devem utilizar uma linguagem adequada que expresse mecanismo e identidades reais, incluindo o pensar e o agir estrategicamente, ou seja, as ideias devem ser entendidas, debatidas, trocadas e comunicadas de maneira simples (WILSON; JARZABKOWSKI, 2004).

Ávila e Colaboradores (2009), ao realizarem um estudo sobre as diferentes visões da estratégia, descrevem que, na visão da estratégia como prática, ela é construída no cotidiano, desde a elaboração até a sua implementação. É definida como algo que as pessoas fazem, em que todos os envolvidos interagem e agem em todo o processo de formulação e de implementação da estratégia, focando no nível microssocial das práticas sociais cotidianas.

Para Jarzabkowski (2005), a expressão prática sugere que a estratégia vem na sequência de experiências diárias que a realidade assume, geralmente entendida na realidade. É preciso chegar ao interior da experiência vivida, dos profissionais envolvidos e a compreensão da multiplicidade de ações e de práticas que constituem a sua realidade em fazer estratégia.

Corroborando Jarzabkowski (2005), Carrieri, Leite da Silva e Junquillo (2008) destacam que as estratégias e táticas cotidianas dos sujeitos sociais estão permeadas pelas práticas sociais, adotando o conceito de estratégia organizacional como um “[...] fluxo de práticas sociais inseridas em contextos organizacionais específicos e sociais mais amplos” (CARRIERI, LEITE DA SILVA; JUNQUILHO, 2008, p. 11).

Albino, Gonçalves, Carrieri e Muniz (2010) relatam que a estratégia como prática ainda não apresenta um modelo teórico totalmente estruturado. Trata-se de um paradigma em construção, com respaldo em jornais, revistas e congressos internacionais, principalmente na Europa. As pesquisas relacionadas à estratégia como prática buscam compreender como ação e estruturas se articulam no processo de constituição da estratégia. Procuram evidenciar onde e como as atividades de fazer estratégia acontecem, quem as realiza, quais as competências necessárias para exercê-las e como foram adquiridas. Afirmam ainda que a abordagem da estratégia como prática vem configurando-se como uma proposta de síntese no campo dos estudos sobre estratégia.

3 UM PANORAMA DO ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO

O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, considerado o maior da América Latina (KRUMBIEGEL, 2009), conviveu desde sua inauguração com a presença, não só do poder público municipal, mas também com empresas terceirizadas, uma cooperativa de catadores, catadores cooperados ou não, caminhoneiros, comerciantes e moradores da região dentre outros (JUNCÁ, 2004). Todos esses atores manifestavam diferentes interesses, não só em relação à presença do Aterro na região, mas também em relação à questão da economia do sub-bairro de Jardim Gramacho.

Juncá (2004) relata em sua tese que, em torno do Aterro, estaria em jogo à sobrevivência imediata e o trabalho precário e rudimentar de catadores associados ou não a uma cooperativa. A existência dessa cooperativa sugeriria, não só uma espécie de melhoria nas condições de trabalho dos associados, bem como a legalização de sua presença no município, já que a atividade dos catadores havia sido proibida. Paralelamente a essa cooperativa, estava ainda presente a Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB) e uma outra empresa privada que gerenciava as atividades realizadas no interior do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Com distintas funções, esses três segmentos dividiam a administração do aterro, deixando prevalecer para os

catadores o discurso em defesa do meio ambiente e melhoria na qualificação dos profissionais ali presentes.

Desde a criação do Aterro até seu encerramento, inúmeras mudanças foram introduzidas não só nele, como em toda a região que o cercava, podendo-se afirmar que sua presença influenciou, de forma decisiva, na paisagem local, na vida do bairro, na situação educacional, social, cultural, política e econômica do bairro de Jardim Gramacho.

De fato, o que antes era uma área pouco habitada transformou-se, gradativamente, em um núcleo habitacional. O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) relatou que, no ano de 2005, Jardim Gramacho tinha aproximadamente 20.000 habitantes com aproximadamente 50% deles dependendo direta ou indiretamente da atividade econômica advinda da catação de lixo.

Quanto ao comércio informal na região, a fim de ilustrar esse contexto, a tabela 1 aponta a distribuição das atividades econômicas realizadas no bairro, atividades essas não relacionadas à economia da reciclagem, mas que atendem àqueles que dela sobrevivem. De acordo com a tabela 1, o principal segmento do comércio, resultante da movimentação econômica da reciclagem na região, está pautado na alimentação (aproximadamente 66,7%), distribuído em barracas, bares, padarias, mercearias e supermercado (um).

Tabela 1- Distribuição percentual das atividades econômicas realizadas no Bairro de Jardim Gramacho

Segmentos da Economia Local	N	%
Barracas e Bares	35	48,6
Padaria	8	11,1
Supermercado	1	1,4
Mercearia	4	5,6
Garagem de Ônibus	1	1,4
Metalúrgica	2	2,8
Fábrica de Parafusos	1	1,4
Curtume	2	2,8
Fábrica de Vidro	1	1,4
Fábrica de Motores	2	2,8
Serraria	4	5,6
Marcenaria	3	4,2
Fábrica de Tintas	1	1,4
Fábrica de Palha de Aço	1	1,4
Marmoraria	1	1,4
Fábrica de Móveis	2	2,8
Indústria de Álcool e Açúcar	1	1,4
Fábrica de Cigarros	1	1,4
Fábrica de Produtos de Limpeza	1	1,4
Total	72	100

Fonte - COEP, 2005, p. 20

A abertura do Brasil ao capital externo na década de 1990 levou o País a uma reestruturação da produção em função da automação do setor industrial e da terceirização, elevando a taxa de desemprego. Mediante tal situação, uma parcela de trabalhadores excluídos encontrou nas alternativas oferecidas pelo mercado de trabalho informal, como a catação, seu meio de vida, mesmo que em condições precárias, com baixos salários e ausência de direitos trabalhistas. A entrada na informalidade e sua permanência ocorreram muito fortemente em função da falta de qualificação para assumir postos que exigiam cada vez melhor qualificação. Aliado a isso, o baixo nível de escolaridade impediu ainda mais que esse contingente se reinserisse no mercado formal (DO CARMO, 2008; PORTILHO, 1997). À medida que os catadores aumentaram em número nessa região, foi se estruturando também o comércio apontado pela tabela 1, e cuja evolução pode ser percebida nas tabelas que se seguem.

Juncá (2004) descreve que, no ano de 2001, período de grandes alterações no mercado de trabalho e altas taxas de desemprego no País, o projeto *Resíduos, Degradação Ambiental e Saúde: uma pesquisa na Baixada Fluminense* apontava para a existência de aproximadamente 1.050 catadores em Jardim Gramacho. Desse quantitativo, 150 pertenciam à cooperativa e 900 trabalhavam diretamente na rampa de acesso ao lixo. Tal fato pode explicar a significativa evolução do quantitativo dos trabalhadores destinados à catação no AMJG, conforme a tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Evolução do quantitativo dos trabalhadores destinados à catação no AMJG

	1993	1996	2002	2004	2008
	(n)	(n)	(n)	(n)	(n)
Total de Trabalhadores destinados a Catação	600	960	1060	1700	1700

Fonte - GOMES, 2008, p. 7979.

No ano de 2008, Gomes (2008) relatou a existência de aproximadamente 1.700 catadores laborando na região, subdivididos em três grupos. O primeiro grupo era formado pelos que trabalhava como cooperados, o segundo grupo pelos que trabalhavam vinculados aos depósitos de sucata em torno do aterro e o terceiro grupo era formado pelos que não tinham nenhum tipo de vínculo, evidenciando que o número de pessoas dedicadas à catação expandiu significativamente desde o ano de 1993, como exposto na tabela 2.

O bairro de Jardim Gramacho era permeado por todo o trajeto da rota do lixo. Assim, tornava-se impossível, por mais que se tentasse desvincular o bairro da atividade de catação (SILVA; BARBOSA,

2010), ignorar que o encerramento das suas atividades remetia a inúmeras incertezas quanto à geração de trabalho e renda para seus moradores.

3.1 O desenvolvimento econômico de Jardim Gramacho

O Município de Duque de Caxias está localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, denominada geograficamente como *Grande Rio*. A região congrega 19 dos 92 municípios do estado, abrangendo 75% da população estadual, algo em torno de 10,8 milhões de habitantes e a quase totalidade da produção de bens e serviços. A renda familiar média dessa população gira em torno de um salário mínimo (CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO, 2005).

Segundo documento da Secretaria de Desenvolvimento de Duque de Caxias (2008), o município tem o 10º maior Produto Interno Bruto (PIB) do País e o 2º maior do estado do Rio de Janeiro, devido às exportações, incluindo as de petróleo e de seus derivados. A cidade ocupa o segundo lugar no *ranking* de arrecadação de ICMS do estado, perdendo somente para a capital. No município está localizada uma das maiores refinarias da Petrobras, a REDUC, que possui um polo gás-químico e conta com uma usina termelétrica (COEP, 2005). Em contrapartida, ocupa a 1.782ª posição no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sendo o município encarado como um exemplo do paradoxo da desigualdade do País (MIGUELES, 2010).

Já o bairro de Jardim Gramacho é considerado um sub-bairro do Bairro Gramacho pertencente ao 1º Distrito do município, caracterizado por ter grandes bolsões de miséria. Jardim Gramacho tem aproximadamente 20.000 habitantes, estando grande parte desse contingente excluído do mercado formal de trabalho, vivendo direta ou indiretamente da exploração do lixo. Com o aumento da população da região, foram criadas várias comunidades sem qualquer infraestrutura, que foram surgindo em decorrência da ocupação desordenada do solo urbano. Muitas casas ou barracos foram construídos em cima do manguezal, por meio de loteamentos realizados pelos políticos locais com a devida *autorização* do poder paralelo, que vem atuando fortemente na localidade (COEP, 2005; MEIRELLES; GOMES, 2009). Poder paralelo é entendido aqui como aquele que age fora das normas da lei e, especificamente nessa região, se estrutura a partir do tráfico de drogas que permeia toda a extensão de Jardim Gramacho.

O desenvolvimento econômico de Jardim Gramacho, mais especificamente em suas áreas periféricas, deveu-se à atividade da coleta, comercialização e recuperação de recicláveis que, aliado ao crescimento desordenado do bairro, levou a região a ser considerada como um *bolsão de miséria*. Todavia, a necessidade de atender a esse contingente levou ao desenvolvimento de uma expressiva quantidade de bares, birosacas, botequins e barracas, que atendem, principalmente, os catadores e seus familiares, bem como demais envolvidos com as atividades dos depósitos (BASTOS; ARAÚJO, 1998; MATTAR; CHEQUER, 2010; PINTO, 2004).

3.2 A contextualização do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG)

O AMJG está localizado em uma área de manguezal a beira da Baía de Guanabara e ocupa parte da região pertencente a uma antiga fazenda repassada ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que, no ano de 1973, firmou um contrato com a Fundação para o desenvolvimento da Região Metropolitana (FUNDREM) e a Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB), que recebeu um lote para a implantação de um depósito de lixo. Com a implantação do aterro na região de Jardim Gramacho, ocorreu um desrespeito à Lei Federal n. 4.771, de 15 de setembro de 1965, uma vez que o Código Florestal Brasileiro, em um dos seus artigos, declara que os manguezais são áreas de preservação permanente. Na Constituição Federal de 1988, o artigo 255, parágrafo 4º considera patrimônio nacional a Mata Atlântica e a Zona Costeira. A Constituição Estadual, no artigo 265, declara que a Baía de Guanabara e seus manguezais são áreas de preservação permanente (MAIA, 2007).

No ano de 1976, a área passou a funcionar como vazadouro de lixo urbano administrado pela COMLURB até 1996, quando se tornou um verdadeiro lixão. Desde então, atendia à destinação final de resíduos sólidos com uma área aproximada de 1,3 milhões de m², recebendo, cerca de 600 caminhões, deixando 8.000 toneladas de lixo por dia, perfazendo, aproximadamente, 240.000 toneladas de lixo por mês (BASTOS, 2005; PINTO, 2004).

Em matéria divulgada pelo sociólogo Jorge Pinheiro, em 2009, com a criação da Associação dos Catadores do Jardim Gramacho (ACAMJG), no ano de 2004, emergiu um discurso de inclusão dos catadores, tendo à ACAMJG a missão de viabilizar essa inclusão no processo de negociação sobre responsabilidades relacionadas ao passivo socioambiental gerado pelo aterro e às ações reparadoras que deveriam ser tomadas quando do seu encerramento. Pinheiro (2009) ressalta ainda que, devido

à imensa quantidade de lixo depositada diariamente, o Aterro estaria no limite de sua capacidade, já apresentando naquela época risco de o lixo verter para a Baía de Guanabara.

3.3 O encerramento das atividades do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

Desde sua inauguração, o AMJG foi vítima de grande preocupação e revolta por parte dos catadores iniciada nos primeiros anos de sua atividade pela comunidade em seu entorno. Paradoxalmente, seu fechamento trouxe inúmeras incertezas para a região e sua desativação, motivo de grande apreensão por parte dos moradores. Se antes a comunidade desejava seu fim, os períodos que antecederam tal fato foram muito difíceis, trazendo preocupação e desespero para uma comunidade que aprendeu a conviver e viver com e do lixo despejado no aterro a cada dia (PFISTER, 2011).

Tal encerramento já havia sido tentado várias vezes, tendo em vista o aterro estar situado às margens da Baía de Guanabara, o que poderia gerar um grave acidente ambiental se houvesse vazamento expressivo de resíduos para o mar. Outra questão que contribuía para o fechamento do AMJG dizia respeito ao cumprimento da Lei n. 12.305, de 2010, que determinava a desativação de todos os lixões no País até o ano de 2014 (BRASIL, 2010). A decisão do encerramento teve muito a ver com problemas de ordem ambiental, uma vez que os de ordem social provavelmente teriam permanecido sem solução para quem vivia diretamente do lixo (PLATONOW, 2011).

Várias seriam as propostas de recuperação do bairro a partir do fechamento do Aterro, caracterizado como um dos principais emissores de gás de efeito estufa da região metropolitana. Uma dessas propostas resultou na criação de um parque em torno de seus manguezais, outra na instalação de equipamentos para captura do gás metano e sua transformação em gás natural, projetos estes que ainda não foram implementados. Essa iniciativa possibilitaria a redução da emissão de milhares de toneladas de dióxido de carbono, cumprindo, assim, uma determinação legal sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em dezembro de 2009, por meio da Lei n. 12.187 (ABDALA, 2010).

Na pesquisa realizada por Gomes (2008), este relata ter identificado que o encerramento do aterro despertava duas reações nos catadores: descrença por parte de muitos, que afirmavam que o aterro não iria acabar porque já havia muito tempo que se falava a esse respeito e nada havia acontecido e que o tráfico não deixaria isso acontecer; e crença de alguns, que se preparavam para quando esse evento acontecesse.

O fechamento gradativo do AMJG começou em abril de 2011, sendo efetivamente paralisadas suas atividades no dia 06 de junho de 2012. Tal fato gerou polêmica ao longo dos últimos meses que antecederam seu encerramento, trazendo grande incerteza na vida de aproximadamente 1.700 catadores e de vários outros trabalhadores indiretos envolvidos nas atividades de catação. Várias eram as preocupações das pessoas que ali trabalhavam durante anos, uma delas estava relacionada à falta de capacitação profissional para assumir novas funções, assim como a escassez de oportunidades no mercado de trabalho (CARVALHO, 2012).

Não obstante essa postura dos catadores, como os comerciantes da região lidaram com tal questão? Objetivando investigar a postura por parte desse segmento que subsistiu da economia gerada na região é que foi desenvolvido o presente estudo, cuja metodologia é descrita a seguir.

4 METODOLOGIA

A fim de investigar os impactos que poderiam ser ocasionados a partir do fechamento do AMJG para os comerciantes do setor informal de alimentos e as estratégias por eles pensadas em relação a isso, o estudo se restringiu ao setor de bares, biroskas, barracas e botequins ao redor do aterro. Esse segmento do comércio foi escolhido por ter apresentado, na ocasião do estudo, a maior representatividade em termos quantitativos na economia informal do sub-bairro de Jardim Gramacho, totalizando 48 (quarenta e oito) estabelecimentos comerciais.

Para a execução da investigação foi utilizado na abordagem metodológica o estudo de caso que, segundo Yin (2005), é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, constituído no uso de mais de um método de obtenção de informações, possibilitando lidar com uma ampla variedade de evidências. O estudo de caso tem o propósito de investigar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Para a coleta dos dados, foram realizadas cinco visitas, nos meses de maio, novembro e dezembro de 2010, em janeiro de 2011 e em junho de 2012 (quando ocorreu o seu encerramento definitivo). Na primeira visita buscou-se evidenciar, qualificar e quantificar o comércio local, a área a ser estudada e as pessoas que se encontravam no referido comércio. Nas segunda, terceira e quarta visitas foram realizadas as entrevistas. Foram entrevistados oito estabelecimentos do segmento informal da

alimentação representados pelos bares, barracas, biroskas e botequins em torno do AMJG. Essa amostragem foi considerada satisfatória pelo pesquisador por haver a saturação empírica.

As entrevistas foram realizadas apenas com os proprietários dos estabelecimentos, devido ser o sujeito mais bem qualificado para informar os dados necessários, tais como a inserção do comércio na região, a renda obtida, as percepções sobre as características dos clientes, as suas percepções sobre a desativação do aterro e as possíveis consequências do fechamento para o seu comércio, para os moradores da região e para a economia de Jardim Gramacho. Para a execução das entrevistas foi elaborado um roteiro que, em primeiro momento, ocorreu a explicação dos objetivos da pesquisa, sua relevância, a importância da sua participação, bem como a garantia da sua confidencialidade, sendo solicitada a autorização para as gravações e a ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo assim a ética na pesquisa.

Os dados obtidos a partir das entrevistas foram transcritos após as gravações das mesmas. Em média cada entrevista durou cerca de 20 minutos, gerando relatórios de três a cinco páginas cada uma. Os dados foram tratados via análise de conteúdo, que é definido por Bardin (2011) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens.

Na quinta visita realizada tão logo o encerramento do aterro, foi constatado que vários estabelecimentos comerciais, não apenas os relacionados ao ramo da alimentação, mas também oficina mecânica e borracheria, haviam fechado suas portas, e os bares e barracas que ainda continuavam em funcionamento não tinham praticamente nenhum movimento.

5 RESULTADOS

Nos tópicos a seguir são feitos levantamentos abordando as atividades desenvolvidas no comércio em torno do AMJG, no período visitado, tais como: principais clientes e hábitos de consumo, renda obtida pelos comerciantes do segmento pesquisado e as impressões desses quanto à sua desativação.

5.1 As atividades econômicas de Jardim Gramacho

Em levantamento realizado pelo autor na primeira visita ao bairro, a distribuição das atividades econômicas se resumia a 125 estabelecimentos comerciais e industriais. O setor informal de

alimentos representava 64,8% desses estabelecimentos, conforme a tabela 3, que apresenta a distribuição percentual dessas atividades, em que bares, biroskas, barracas e botequins correspondem a 38,4%.

Tabela 3 - Distribuição das atividades econômicas realizadas no Bairro de Jardim Gramacho

Segmentos da Economia	N	%
Bares, Biroskas, Barracas e Botequins	48	38,40
Mercearia	6	4,80
Açougue	3	2,40
Sacolão	6	4,80
Padaria	13	10,40
Peixaria	2	1,60
Supermercado	1	0,80
Depósito de Bebidas	2	1,60
Depósito de Gás	2	1,60
Garagem de Ônibus	1	0,80
Centro Automotivo	4	3,20
Oficina Mecânica	2	1,60
Borracheiro	1	0,80
Eletricista de Automóveis	1	0,80
Loja de Roupas	2	1,60
Armarinho	1	0,80
Salão de Beleza (Barbeiro)	4	3,20
Farmácia	2	1,60
<i>Lan House</i>	1	0,80
<i>Pet Shop</i>	1	0,80
Loja de Material de Construção	1	0,80
Usina de Asfalto	1	0,80
Metalúrgica	2	1,60
Marcenaria	2	1,60
Fábrica de Parafusos	1	0,80
Curtume	2	1,60
Vidraçaria	1	0,80
Serraria	3	2,40
Fábrica de Palha de Aço	1	0,80
Marmoraria	1	0,80
Fábrica de Móveis	2	1,60
Indústria de Álcool e Açúcar	1	0,80
Fábrica de Cigarros	1	0,80
Fábrica de Produtos de Limpeza	1	0,80
Total	125	100,00

Fonte – Elaborada pelo autor do artigo.

5.2 A clientela do bairro e os seus hábitos de consumo

De acordo com os dados obtidos por meio das entrevistas foi constatado que os principais clientes dos bares, biroskas, barracas e botequins eram os catadores e, por último e em pequena proporção, os moradores da região: "... vendo mais pros catadores e pros caminhoneiros, que param pra tomar uma cerveja.." (entrevistado 5). É importante salientar a representatividade dos caminhoneiros, fato esse também relatado no Diagnóstico Social de Jardim Gramacho, que chegavam a aproximadamente 600 diários a conduzir o lixo dos demais municípios atendidos pelo aterro (COEP, 2005).

Os moradores da região consumiam pouco pelo fato de os produtos serem mais caros que os dos mercados do Município de Duque de Caxias. Eles utilizavam os bares e as barracas próximas apenas para compras de emergência: "... são os catadores, que vêem comprando mais, os moradores compram mais nos mercados em Caxias por que é mais barato..." (entrevistado 6).

Quanto aos produtos vendidos, era expressiva a quantidade de bebida alcoólica. Os comerciantes entrevistados relatavam que vendiam cerca de duas a três garrafas de cachaça por dia. Ao averiguar os hábitos do consumo, foram observados os seguintes produtos (comestíveis ou não) em volume de vendas: bebida alcoólica (cachaça), salgadinhos e tira-gosto, cigarro a varejo, café, pilha, luva e refrigerantes. Além de álcool e dos petiscos mencionados, os catadores compravam produtos para a realização de suas atividades como, por exemplo, gelo e luvas (novas ou já utilizadas) para a prática da catação.

" Comparam mais bebida, cachaça mesmo, depois vendo gelo para eles subirem. Vendo de duas a três garrafas de cachaça por dia..." (entrevistado 1).

"Comparam mais cachaça, preferem mel com cinquenta e um. Eu compro pra vender aqui 15 litros por semana pra vender ..." (entrevistado 2).

" Comparam café, salgados, gelo pra levar pra beber água lá em cima. Pros moradores eu vendo mais refrigerantes. Bebidas eu vendo pouco porque eles não podem subir bêbados, e aí, quando descem fazem a farra na cachaça..." (entrevistado 3).

"Tudo que a gente coloca aqui vende, quando tá frio sai mais café e quando tá muito quente no verão, vendo mais cachaça, eles bebem muito!..." (entrevistado 4).

"Quase todo dia pra subir a rampa leva pilha pras lanternas. Todo dia vendo pilha e luvas. De comida

vendo mais tira-gosto de jiló. Mais vendo muito mesmo é cachaça e muito..." (entrevistado 5).

Quanto ao consumo dos moradores da região, esse se restringia a refrigerantes, enquanto os caminhoneiros consumiam mais cerveja, *tira-gosto* e cigarros.

5.3 O retorno financeiro para os comerciantes do setor informal de alimentos em torno do AMJG

Especificamente, antes do encerramento do AMJG, o setor informal de alimentos faturava diariamente cerca de R\$ 250,00 a R\$ 400,00 em cada estabelecimento. A tabela 4 mostra o rendimento diário por cada estabelecimento entrevistado na época.

Tabela 4- Renda média diária associada aos produtos mais vendidos nos estabelecimentos comerciais em torno do AMJG

Tipo de Estabelecimento	Produtos Mais Vendidos	Renda Média Diária (R\$)
Barraca	Cachaça, gelo, cerveja	250,00
Barraca	Cachaça	300,00
Bar	Café, salgadinhos, gelo, refrigerante	400,00
Birosca	Café, cachaça	350,00
Birosca	Cachaça, cigarro, pilha, luva, salgadinho, tira-gosto	400,00
Barraca	Cachaça, cigarro, salgadinho	250,00
Barraca	Cachaça, cerveja, cigarro, tira-gosto	um bom dinheiro
Birosca	Cachaça, tira-gosto, salgadinhos	300,00

Fonte – Elaborada pelo autor do artigo.

Vários são os argumentos dos proprietários dos bares satisfeitos com seus rendimentos diários, associando a um lucro certo não conseguindo tal rendimento em outro campo de trabalho.

Ganho aqui o que muita gente de carteira assinada não ganha, aqui é bom meu filho. O que tiro daqui dá até para pagar a faculdade do meu filho, tiro uns R\$ 300,00 por dia, onde vou ganhar isso em outro lugar, o pessoal gasta bastante. Pra ganhar bem tenho que fazer uns tira-gosto, eles descem com fome. Já conheço muita gente aqui e trato todo mundo bem, aí eles voltam sempre..." (entrevistado 8).

Foi observado, assim como relatado por um entrevistado, que a renda diária era influenciada pela proximidade da entrada principal do Aterro. Quanto mais próximos da entrada do aterro, maior era a quantidade vendida. A compra de alguns itens como, por exemplo, gelo, pilhas e luvas, para serem utilizados durante as atividades da catação, eram maiores nos estabelecimentos mais próximos da entrada do Aterro.

“ Ganho bastante dinheiro aqui, dá pra fazer muita coisa, tiro por dia mais ou menos R\$ 400,00, quando tá muito fraco o movimento, tiro por volta dos R\$ 250,00...” (entrevistado 3).

“Tiro aqui mais ou menos R\$ 200,00 a R\$ 250,00, quem trabalha lá mais na frente ganha bem mais que...” (entrevistado 6).

Ainda relacionado à renda média diária, o fragmento abaixo selecionado de uma entrevista faz parte do estabelecimento mais próximo da entrada principal do AMJG, caracterizando um rendimento maior do que os estabelecimentos mais afastados do aterro.

“Em dia fraco eu tiro mais ou menos R\$ 250,00 por dia, às vezes R\$ 350,00. Dia bom ganho até R\$ 600,00 por dia. Geralmente fica mais ou menos R\$ 400,00 a R\$ 500,00, isso por que eu tô aqui do lado da entrada...” (entrevistado 4).

5.4 A desativação do AMJG sob a ótica dos comerciantes da região

O anúncio, no ano de 2004, sobre o encerramento das atividades do Aterro, teria dado margem a inúmeras incertezas (MEIRELLES; GOMES, 2009). Desde então, o local passou a ser alvo de vários questionamentos em relação ao destino dos catadores. Segundo a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (2011), eles obtinham, em média, de R\$ 680,00 a R\$ 1.000,00 de renda por mês. Embora muito se falasse sobre desativação do aterro, a maioria dos comerciantes do local não acreditava que tal fato efetivamente viria a ocorrer. Eles alegavam que desde a inauguração já se falava sobre o encerramento de suas atividades, ficando o assunto mais evidente nos últimos anos, em função da questão ambiental.

Mesmo com toda a mídia envolvida na questão da paralisação do Aterro, os comerciantes afirmavam que ele não iria ser desativado por vários motivos, basicamente relacionados ao desemprego, à fome e a pobreza que tal fato iria gerar. Por ser o único meio de sobrevivência e, principalmente, pelo envolvimento lícito e ilícito de muitas pessoas que lucravam naquela região, como os traficantes de drogas e grandes empresas ali instaladas, muitos acreditavam que isso não iria ocorrer. Essa crença é realçada nos depoimentos seguintes.

“.Meu filho, eu moro aqui há 20 anos, e sempre escuto isso. Agora que passa na televisão, esses dias mesmo eu vi pela TV...” (entrevistado 4).

“ Ninguém acredita que isso ai vai fechar, aqui pros donos dos depósitos e pros catadores dá muito...” (entrevistado 6).

“ Isso é velho aqui, ninguém acredita mais nessa história, o Governo vem, fala, mas ele mesmo não fecha, quem vai ganhar se aqui fechar?...” (entrevistado 7).

Detalhe que chamou bastante atenção nas entrevistas foi o fato de que os responsáveis pelo tráfico de drogas (muito presente na região) não *autorizaram* o fechamento do Aterro. Segundo alguns entrevistados, quando o assunto sobre a desativação ficava muito em evidência, as ameaças também se tornavam mais claras. Eles ameaçavam matar, colocavam lixo nas ruas, paralisavam a principal via de acesso ao Aterro, dentre outras estratégias, com o objetivo de neutralizar o assunto da desativação, levando os comerciantes a acreditarem que o Aterro não iria fechar. Muito por causa disso, os comerciantes não acreditavam que tal fato aconteceria.

“Os bandidos também não deixam fechar não, as vezes quando fala muito nisso, eles ameaçam e ai para tudo...” (entrevistado 6).

“. Vai dar mais pobreza pra Caxias do que já tem, a marginalidade daqui também não deixa, se acabar, vão parar de vender [drogas], à noite aqui tem muita sujeira, é mais sujo que esse lixo aí...” (entrevistado 8).

5.5 O significado do AMJG e a visão sobre a economia que vem do lixo

O Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho (AMJG) foi a base econômica de praticamente todo o bairro de Jardim Gramacho. Na visão dos comerciantes entrevistados, ele era essencial e, embora atrelado a um lugar sujo, era também visto como fonte de riqueza para toda aquela região. Para os comerciantes, ele era o único meio gerador de renda, não só para os habitantes locais, como também para moradores de outros bairros, que permaneciam nele durante os dias úteis da semana trabalhando, retornando para suas residências apenas nos finais de semana. Esse grupo de pessoas costumava deixar parte da renda arrecadada no comércio local, sendo a outra destinada à subsistência familiar.

A decisão de desativar o AMJG é cogitada desde o ano de 2007, sendo firmada em 2012 pelo atual Prefeito do Município de Duque de Caxias, pelo Secretário Estadual do Meio Ambiente, pelo presidente do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), pelo Secretário Municipal de Meio Ambiente e pelo representante da COMLURB. A população local e os comerciantes da região não foram informados nem consultados sobre esse assunto. As observações realizadas durante a realização das entrevistas mostraram uma descrença dos comerciantes e de muitos moradores acerca da paralisação das atividades do aterro. Em várias circunstâncias, quando questionados sobre as percepções e as opiniões relacionadas à desativação do aterro, a resposta que davam era a de que “esse papo é muito antigo”, “ele não vai fechar”, “não acredito nisso”, “escuto falar, mas é boato”.

Em face das respostas imediatas sobre tal desativação, alguns dos comerciantes, que não acreditavam inicialmente no fechamento do Aterro, acabaram por formar uma opinião bastante forte sobre o destino de seu comércio caso o Aterro fosse realmente fechado. Para eles, ficou claro que seus bares, barracas, biroschas ou botequins iriam realmente acabar, devido à ausência de seus clientes principais, ou seja, os catadores.

Embora houvesse por parte dos comerciantes uma fascinação pelo dinheiro que obtinham no Aterro, na ausência dos catadores, esse seus negócios não tinham futuro e eles tinham noção de que dificilmente conseguiriam o mesmo montante caso se engajassem em outro emprego ou outro negócio. Como forma de driblar esse fato, muitos deles afirmaram que iriam acompanhar os catadores para onde quer que eles se encaminhassem. Parcela relevante dos entrevistados tinha isso como meta: acompanhar os catadores, conforme descrito nos fragmentos abaixo, não obstante a descrença na desativação.

"Aqui é muito sujo, mas é bom pros trabalhadores e para os barraqueiros, para minha sobrevivência ele é muito importante, tiro meu sustento daqui, se o aterro fechar, eu não posso continuar aqui, vou vender pra quem se não tem mais os catadores?... ainda não sei muito bem o que vou fazer, a gente tá meio perdido, acho que vou? junto com o lixo, pra onde ele for ..." (entrevistado 2).

". Se fechar, o comércio vai acabar, vamos ter que ir atrás do lixo. Faço um barraco de tábuas e monto minha barraca lá, o lixo é muito rico, dá muito dinheiro..." (entrevistado 3).

"Vou atrás do lixo, monto minha barraquinha bem do lado dele, é onde dá mais dinheiro, se não, vou ter que roubar se não me deixarem ficar ..." (entrevistado 4).

"Com certeza eu vou pra onde o lixo vai, vou tentar montar uma barraca lá perto, não sei onde vou conseguir ganhar o que eu ganho aqui, mais ficar sem dinheiro não dá..." (entrevistado 6).

Para os comerciantes entrevistados, seria necessária a adoção, pelos governantes, de uma postura que amenizasse os efeitos de tal encerramento. Eles mesmos, todavia, nada faziam nesse sentido. Relatam que a preocupação é sempre com o catador, e que o poder público não atenderá as demandas dos outros trabalhadores da região. Como de fato ocorreu. Após o fechamento de AMJG, cada catador cadastrado recebeu uma indenização da Prefeitura do Estado do Rio de Janeiro no valor de R\$ 14.864,55.

6 DISCUSSÃO

Com o crescimento populacional, o comércio na região do Bairro Jardim Gramacho aumentou significativamente, também tendo em vista a instalação de indústrias na região. Na fase de

levantamento de dados desta pesquisa, já havia outros segmentos, diferentes daqueles que foi evidenciado pela literatura no ano de 2005, além da expressiva quantidade de bares, biroskas, barracas e botequins, novos segmentos foram abertos, tais como *lan house*, *pet shop*, salão de beleza e armarinho entre outros. Quando comparado ao ano de 2005, houve uma elevação de aproximadamente 57,6% na quantidade total dos estabelecimentos comerciais.

O Bairro Jardim Gramacho foi objeto de vários estudos que relatam a existência de grandes bolsões de miséria e falta de infraestrutura urbana básica (BASTOS, 2005; BASTOS, 2007; BASTOS; ARAÚJO, 1998; COEP, 2005; JUNCÁ 2004; PINTO, 2004). As informações, entretanto, não foram sistematizadas e não há dados quantitativos que embasem a definição de indicadores e metas apropriadas realizadas pelo poder público.

A influência econômica do AMJG para o bairro de Jardim Gramacho não se limitava à catação e venda de lixo pelos catadores, mas a um contingente de pessoas que sobreviviam direta e indiretamente das atividades em seu entorno, sejam os próprios catadores clandestinos ou não, as empresas de reciclagem, o comércio e as demais atividades formais e informais que se estabeleceram ali. Nesse bairro, o desenvolvimento urbano foi intenso, mas ocorreu de forma desordenada, sem planejamento urbano e infraestrutura adequada, tendo sido motivado pela migração de uma população já muito pobre, em busca de condições de subsistência por meio da catação do lixo (JUNCÁ, 2004).

Mediante as observações e as entrevistas, existia, por parte dos comerciantes, uma preocupação por não terem um emprego formal. Em diversos momentos, eles associavam a sua presença na região ao fato de não terem um emprego com *carteira assinada*. No entanto, uma vez que haviam conseguido um ganho considerável ali, já não achavam mais vantajoso abandonar a função que desempenhavam como comerciantes em troca de um emprego fixo. Acreditavam que em um emprego no mercado formal de trabalho não conseguiriam atender às suas necessidades básicas, comparado ao que recebiam diariamente na região.

Na visão do pesquisador, a partir das observações realizadas, ficou claro que os comerciantes sabiam que a desativação iria ocorrer, mas negaram coletivamente tal possibilidade, pois temiam as incertezas de uma nova vida sem os ganhos proporcionados pelo comércio gerado via lixo. Também ficou evidente para os comerciantes que a preocupação do poder público era com o catador, e o

grupo dos pequenos comerciantes locais se sentiu abandonado e sem possibilidades de participar das decisões ou de dialogar com o poder público, seja em nível municipal, seja estadual. Preferiram, assim, em massa, se calar. Não seria essa a principal estratégia por eles idealizada?

Em face ao comércio informal em torno do AMJG e as ameaças sofridas pela sua desativação, pode-se verificar na pesquisa empírica a abordagem da estratégia como prática, visto que os praticantes da estratégia interagem entre si e que a estratégia está associada à percepção do ambiente, dos recursos financeiros e humanos e do conhecimento do *como fazer* pelos gestores e suas atitudes perante essas situações.

Contudo, como poderiam pensar em estratégia, no caso dos comerciantes, se nada sabiam dos rumos que os catadores iriam tomar com o encerramento do Aterro? A questão dos comerciantes era da ordem do ambiente externo, e este se apresentava como incerto, ou seja, não sabiam qual o próximo passo a ser dado.

Carrieri e colaboradores (2012) relatam que a estratégia como prática está associada à percepção do ambiente, dos recursos financeiros, humanos, do conhecimento e de como fazer por meio das atitudes, assim impostas pela situação. O que os autores parecem sugerir é que o conhecimento tácito vai determinar as estratégias, ou o conjunto de diretrizes que ditarão as ações a serem acatadas. E, no caso dos comerciantes em questão, o conhecimento tácito estava limitado ao público ao qual eles serviam, o qual, ao não se conhecer o paradeiro futuro desse segmento profissional, não tinham diretrizes para suas ações futuras.

Em Jardim Gramacho, instaurou-se uma situação de insegurança para os atores da pesquisa a partir da desativação do Aterro naquela região. Tais comerciantes tinham uma interação entre si, pois suas percepções com um provável desfecho os levaram a utilizar a estratégia de silenciamento.

A preocupação com a situação financeira era extremamente preocupante, visto que os ganhos que percebiam como comerciantes naquela região eram superiores a quaisquer outras possibilidades representadas por um emprego formal. Nesse sentido, os saberes produzidos pelos comerciantes estavam diretamente atrelados aos saberes dos catadores.

Assim, foi observado pelo pesquisador que os sujeitos da pesquisa produziram seus saberes, com base na prática vivida naquela região e naquele momento específico. No caso dos comerciantes, como nada detinham de conhecimento sobre esse mercado, estavam a esperar a iniciativa dos catadores para traçar as suas.

Solicitados a emitir sua opinião pessoal sobre a desativação do AMJG, apenas um comerciante foi favorável ao encerramento das atividades no local, mesmo sabendo que passaria por dificuldades financeiras. Segundo ele, havia ocorrido a acomodação dos comerciantes locais, em função de estarem ganhando seu dinheiro naquela região, muitas vezes mediante a exploração dos catadores ao cobrarem caro pelos produtos que vendiam. Os outros sujeitos entrevistados eram totalmente contra a desativação do Aterro, o que significaria o fechamento de todo o comércio local. O fragmento da entrevista abaixo descreve bem essa questão.

Não deve fechar, muita gente depende disso aí, principalmente os pais de família...o aterro é muito importante por causa das famílias, é esse lixo que faz a economia aqui do bairro..." (entrevistado 3).

O entorno do AMJG foi considerado o único meio de sobrevivência, capaz de fazer uma movimentação econômica e financeira, não apenas para o Bairro de Jardim Gramacho, mas para uma parcela significativa do município de Duque de Caxias. O fechamento do AMJG tendeu a ser associado à falência, não só de um segmento comercial, mas de todo um bairro. Esse fato gerou preocupações entre os comerciantes, os habitantes, o poder público e as empresas da região quanto à possibilidade de aumento da violência, de roubos e de furtos no município de Duque de Caxias, devido ao desemprego em massa.

A pesquisa realizada por Andrioli (2002) analisa os impactos que a economia mundial tem apresentado no sentido de influenciar de maneira decisiva na elaboração de políticas públicas e na organização dos trabalhadores. A ampliação do desemprego e a sua óbvia relação com a redução de postos de trabalho coloca um grande número de pessoas em condições precárias de trabalho, sem acesso a direitos sociais e com baixa perspectiva de retorno à empregabilidade formal. Neste artigo buscou-se apresentar um pequeno recorte dessa realidade. Como relatado pelos comerciantes locais, eles conseguiam ter ali uma retirada diária em torno de R\$ 250,00 a R\$ 300,00 por dia, perfazendo um salário mensal de, aproximadamente, R\$ 6.000,00. Contudo, esses sujeitos não apresentavam minimamente condições que lhes permitissem retornarem (se é que um dia pertenceram) ao mercado formal de trabalho.

Apesar da grande preocupação com os catadores, esses não teriam sido a maior vítima do encerramento. No ano de 2007, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias firmaram um acordo beneficiando os catadores do AMJG. Esse acordo foi pautado na transferência de recursos da Caixa Econômica Federal para um Fundo de Participação administrado pelos catadores do AMJG prevendo recursos de R\$ 1,4 milhões por ano. Esse convênio entrou em vigor no momento da desativação do AMJG, sendo transferido para cada catador cadastrado o valor aproximado de R\$ 14.000,00. O objetivo do convênio foi assegurar um futuro melhor aos catadores e aos seus familiares diante do encerramento das atividades do Aterro. Esse convênio visa à melhoria das condições ambientais da região e à qualidade de vida dos catadores podendo, dessa forma, esses indivíduos darem um novo rumo as suas vidas e as de suas famílias. Essas duas preocupações do poder público foram muito importantes para minimizar os impactos do fechamento do Aterro e possibilitar um recomeço para os catadores (MENASCE, 2012).

Por outro lado, como ficaria a outra parcela da população que ali habita e que retira do consumo dos catadores seu sustento e o de suas famílias? Por meio do estudo de caso, percebeu-se uma grande indignação dessa outra parcela, que não foi chamada a se pronunciar e também não foi contemplada pelos planos governamentais.

Os representantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR) e do governo federal passaram a trabalhar em busca de alternativas para minimizar ao máximo o impacto dessa desativação do AMJG. Contudo,, também aqui o comércio local não foi incluído e, talvez por isso, não tenha conseguido elaborar estratégias para lidar com a situação a que foram expostos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O AMJG, depois de mais de trinta anos, encerrou suas atividades devido a problemas de vazão. Sua capacidade máxima para alocar o destino final do lixo dos municípios do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Nilópolis, Mesquita, São João de Meriti e Queimados foi esgotada, podendo o lixo depositado verter para a Baía de Guanabara, ocorrendo um imenso desastre ambiental. Esse encerramento instaurou inúmeras indecisões, tanto para catadores, quanto para comerciantes informais, que tiravam dele seu sustento.

Este artigo teve como propósito investigar que estratégias os comerciantes informais do setor de alimentação teriam estabelecido no sentido de superar os possíveis impactos econômicos de tal

encerramento. As entrevistas permitiram concluir que, embora muitos desses comerciantes estivessem ali instalados desde a sua inauguração (1976), não se sentiram ameaçados pelo encerramento, que consideravam mais um boato do que um fato real.

Não obstante a despreocupação quanto ao futuro, os comerciantes acreditavam que o encerramento traria um impacto muito negativo para a região, não só para Jardim Gramacho, mas para parte do município de Duque de Caxias, como pobreza, desemprego, fome e criminalidade, devido ao desemprego, tanto de catadores, quanto dos comerciantes e demais atores envolvidos com o AMJG.

A única possibilidade apontada por esses sujeitos foi acompanhar o destino do lixo, visto que atrelavam um aterro (e o que é estabelecido em seu entorno) a uma área com grande riqueza a ser explorada.

O governo federal e os representantes do MNCMR fizeram um pacto com o objetivo de amparar os trabalhadores do Aterro, criando e formalizando projetos atendidos pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. Esse pacto, realizado com o objetivo de atender de forma especial os catadores, evidenciou o descaso do poder público com essa outra parcela dos trabalhadores em tono do AMJG, como relataram os comerciantes da região.

Muito se falava, por meio da mídia, nos catadores, embora não fosse essa a única parcela de pessoas que tiravam do Aterro seu sustento. Vários outros trabalhadores foram afetados pela desativação. Este estudo procurou retratar um pouco a perspectiva dessa outra parcela de trabalhadores, com destaque para os comerciantes do setor informal de alimentos, caracterizados nesta pesquisa pelos bares, biroskas, barracas e botequins por representarem o segmento do comércio local em maior quantidade.

A distribuição das atividades econômicas do bairro era representada por 125 estabelecimentos comerciais e industriais. Deste quantitativo, 48 estabelecimentos representavam o setor informal de alimentos, correspondendo a 38,4% do comércio local, quantidade essa considerada expressiva, quando comparada ao quantitativo do segundo segmento, também da alimentação (padarias), representando 10,24%.

A grande preocupação do poder público foi com os trabalhadores diretos da catação. Ora se divulgava via mídia ofertar capacitação e qualificação para os catadores, ora novas oportunidades de emprego por meio das futuras inaugurações dos polos de reciclagem, ora em indenizações pelo fim do Aterro. Sendo os comerciantes da região sabedores de tais ofertas exclusivas para os catadores, resolveram se calar, ficando claro que essa foi a principal estratégia como prática realizada pelos proprietários do segmento do comércio estudado.

A inexistência de políticas públicas integradas que contemplasse, não somente a classe dos catadores, como a população e o comércio de Jardim Gramacho era desconhecida por parte dos sujeitos da pesquisa. Estes acreditam que por ser informal não existe a preocupação por parte do poder público em virtude do não pagamento dos tributos para o município.

No decorrer da pesquisa pôde ser observado que não existia, por parte dos comerciantes, uma estratégia formal para ser adotada quando fosse efetivada a desativação do AMJG. Os comerciantes dos bares, biroskas, barracas e botequins adotaram o silêncio como estratégia. Acreditavam que sua situação também seria resolvida, principalmente a questão financeira, assim como a dos catadores, que receberam da prefeitura uma quantia em dinheiro para darem prosseguimento às suas vidas.

Cabe continuar investigando como esses outros segmentos da população estão reorganizando suas vidas, de suas famílias, seu comércio e seus ganhos. Faz-se necessário não dar por encerrada a questão principal que motivou a realização desta pesquisa, quais sejam os rumos tomados pelo comércio local com o efetivo encerramento do AMJG.

É importante ressaltar a necessidade permanente de levantamentos e diagnósticos a médio e longo prazos, mapeando dessa forma o impacto socioeconômico e as perspectivas da região.

Algumas sugestões para pesquisas futuras podem ser pautadas a partir do material empírico aqui adquirido. Uma das limitações da pesquisa desenvolvida foi a investigação apenas no comércio informal do setor da alimentação. Sugerem-se novos estudos para avaliar como os outros segmentos do comércio ainda presentes na região, além dos moradores e de catadores, comportam-se a partir da desativação do Aterro.

É imprescindível traçar um novo diagnóstico da região, além de apresentar propostas integradoras para toda a população ali presente. Propostas que contribuam para a inclusão efetiva e real dessa população na sociedade, voltadas para a promoção do desenvolvimento humano e social, visando à questão ética, social, econômica e ambiental.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, V. Petrobras vai usar gás que será extraído de aterro sanitário no Rio de Janeiro. Agência Brasil, 2010. EcoDebate. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2010/01/19/petrobras-vai-usar-gas-que-sera-extraido-do-aterro-sanitario-de-jardim-gramacho-rj/>> Acesso em: 10 jan. 2011.
- ALBINO, J.; GONÇALVES, C. A.; CARRIERI, A.; MUNIZ, R. Estratégia como prática: uma proposta de síntese. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão** [on line], v. 9, n. 1-2, p. 2-14, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rpbg/v9n1-2/v9n1-2a02.pdf>> Acesso em: 25 jun 2013.
- ANDRIOLI, A. I. Cooperativismo: uma resistência à exclusão. *Revista Espaço Acadêmico* v. 2, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/019/19andrioli.htm>> Acesso em: 15 fev. 2011.
- AVILA, C. L. et al. A construção da estratégia na prática social dos membros organizacionais: um estudo de caso em uma empresa do setor de comércio exterior..In: XXXIII ENCONTRO DA ANPAD. 2009. São Paulo, Anais... São Paulo: EnANPAD 2009.
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, V. P. Construindo identidades: catador – herói ou sobrevivente da perversa forma de catação. **Revista Confluências. Revista da Pós Graduação de Sociologia e Direito da UFF**, n. 04, out. 2005.
- BASTOS, V. P. Na rota do lixo: da casa ao catador o primeiro trajeto da cadeia industrial de reciclagem. Caderno de Comunicações do XII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Foz do Iguaçu, CFESS, out. de 2007. Disponível em: <http://www.nima.puc-rio.br/sobre_nima/projetos/caxias/apostilas/Apostila_Valeria.pdf> Acesso em: 10 ago. 2010.
- BASTOS, V.; ARAÚJO, M. S. **Possibilidades e limites do trabalho de organização social dos catadores de lixo do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho**. Construtora Queiroz Galvão S.A. - Programa Social do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho. Duque de Caxias, 1998.
- BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2010.
- CARRIERI, A. P.; LEITE-DA-SILVA, A. R.; JUNQUILHO, G. S. O fazer estratégia na gestão como prática social: articulações entre representações sociais, estratégicas e táticas cotidianas nas organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: EnANPAD, 2008.
- CARRIERI, A. P. et al. Estratégias e táticas empreendidas nas organizações familiares do mercadão de Madureira (Rio de Janeiro). **Rev. de Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 196 – 226, mar./abr. 2012.
- CARVALHO, J. Lixão de Gramacho fecha as portas e catadores buscam alternativas. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 03 jun. 2012.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO (CIDE). Diagnóstico do mercado de trabalho formal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cide.rj.gov.br/pnb/pages/munic_dcax.htm>. Acesso em: 20 maio. 2010.

COEP – Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida. **Diagnóstico Social de Jardim Gramacho**. Duque de Caxias: Comunidade COEP, 2005.

COMLURB. Aterro de Gramacho: destino do lixo. 2009. Disponível em: <http://comlurb.rio.rj.gov.br/ma_mambiente.htm#aterro> Acesso em: 26 out. 2009.

DO CARMO, M. S. F. **A problematização do lixo e dos catadores**: estudos de caso múltiplo sobre políticas públicas sob uma perspectiva foucaultiana. 2008. 259 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - EBAPE, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GOMES, L. C. M. A Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho – COOPERGRAMACHO: uma nova identidade social a partir do trabalho cooperativo. In: XVII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI. 2008, Brasília. Anais... **Brasília: CONPEDI, 2008**, p. 7976-7990, 2008. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/brasil/09_504.pdf> Acesso em: 26 out. 2009.

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Diagnóstico social de Jardim Gramacho**. Rio de Janeiro: IBASE, 2005

JARZABKOWSKI, P. **Strategy as practice**: an activity-based approach. London: Sage, 2005.

JARZABKOWSKI, P.; WILSON, D.C. Top teams and strategy in a UK university. **Journal of Management Studies**, v. 39, n. 3, p. 355-81, 2002.

JUNCA, D. C. M. **Mais que sobras e sobrantes**: trajetórias de sujeitos no lixo. 2004. 238 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro,

KRUMBIEGEL, M. Poluição por resíduos sólidos na Baía de Guanabara: um estudo sobre o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) - Escola Nacional De Ciências Estatísticas (ENCE), Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.ence.ibge.gov.br/pos_graduacao/mestrado/dissertacoes/pdf/2009/Maur%C3%ADcio_Krumbiegel_TC.pdf> Acesso em: 26 out. 2010.

MAIA, E. S. Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: aspectos da história social. **Pilares da História de Duque de Caxias e Baixada Fluminense**, v. 6, n. 7, p. 55-58, maio 2007.

MATTAR, F.; CHEQUER, J. Gramacho sacode a poeira e dá a volta por cima. COOPERGRAMACHO. Disponível em: <<http://www.coopergramacho.com.br/noticias/not1.htm>> Acesso em: 10 maio. 2010.

MEIRELLES, D. R. S.; GOMES, L. C. M. **A busca da cidadania**: a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias-RJ. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf> Acesso em 26 out. 2009.

MENASCE, M. Rio fecha maior lixão da América Latina. Folha de São Paulo. São Paulo, 4 jun. 2012. Disponível em: <<http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/46808-rio-fecha-maior-lixao-da-america-latina.shtml>> Acesso em: 8 jun. 2012.

MIGUELES, C. P. Responsabilidade social x responsabilidade cultural: buscando soluções que funcionem em nosso contexto. Instituto Juan Molinos de Responsabilidade Social e Cultural. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:vyW1WztdNk4J:www.fiemg.org.br/admin/BibliotecaDeArquivos/Image.aspx%3FImglid%3D16678%26Tabld%3D9077%26portald%3D176%26mid%3D22255+%22Responsabilidade+social+x+responsabilidade+cultural:+buscando+solu%C>>

3%A7%C3%B5es+que+funcionem+em+nosso+contexto%22&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 10 maio. 2010.

PFISTER, A. Aterro de Jardim Gramacho vai fechar em dezembro após 35 anos de operação. *Jornal Extra*, 2011. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/aterro-de-jardim-gramacho-vai-fechar-em-dezembro-apos-35-anos-de-operacao-1075640.html>> Acesso em: 12 mar. 2011.

PINHEIRO, J. Encerramento das atividades do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. 2009. Disponível em: <http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=154&Itemid=265> Acesso em: 25 out. 2009.

PINTO, L. L. **Diagnóstico da atividade de catação**. Duque de Caxias, 2004.

PLATONOW, V. Catadores de Gramacho temem perder o sustento com fim do lixão. *Exame.com*. Rio de Janeiro, 27 fev. 2011. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/catadores-de-gramacho-temem-perder-o-sustento-com-fim-do-lixao>> Acesso em: 30 mar. de 2011.

PORTILHO, M. F. F. **Profissionais do lixo**: um estudo sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SARAIVA, E. V. Un pas de deux da estratégia como arte: as práticas da Companhia de Dança do Grupo Corpo. Minas Gerais, 2009. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SILVA, A. A.; BARBOSA, R. N. C. A questão ambiental e o trabalho no lixo. *História Agora*. Disponível em: <http://www.historiagora.com/dmdocuments/Questao_Ambiental_e_o_lixo.pdf> Acesso em: 10 maio. 2010.

WILSON, D. C; JARZABKOWSKI P. Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 11-20, 2004.

WHITTINGTON, R. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613–34, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Ricardo Laino Ribeiro

Mestre em Administração pela UNIGRANRIO. Coordenador do Curso de Nutrição da UNIGRANRIO. R. Prof. José de Souza Herdy, 1160 - Jardim 25 de Agosto . Duque de Caxias . ricardolaino@bol.com.br

Maria Scarlet Do Carmo

Doutora em Administração pela Fundação Getulio Vargas – FGV (2008) . Mestre em Química Biológica pela UFRJ (2001) . Fundação Getulio Vargas, FGV Projetos. Praia de Botafogo, 190 / 6º. andar . Botafogo . 22253-900 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil . scarletcarmo@gmail.com.